

Joana Astolfi e a poesia das coisas pequenas

À FRENTE DO STUDIO ASTOLFI, A ARQUITETA-ARTISTA ASSINA PROJETOS PARA AS MAIS CELEBRADAS MARCAS PRESENTES EM PORTUGAL. HERMÈS, GRUPO JOSÉ AVILLEZ, CASA PAU-BRASIL E VIÚVA LAMEGO ESTÃO ENTRE OS SEUS CLIENTES

Texto **Tatiana Engelbrecht, de Lisboa**

Mergulhar na surpresa. Investigar as memórias. Vascularizar armários, depósitos e gavetas. Dar voz aos objetos. Valorizar a pátina do tempo. Recontar histórias. Construir narrativas. Desafiar o gosto. Recompôr o passado. Imaginar o futuro. Intervir no presente. Essas são algumas das pistas para adentrar o mundo encantado(r) da arquiteta-artista portuguesa Joana Astolfi.

Com uma linguagem autoral, reconhecível e cheia de bossa, Joana Astolfi assina projetos de instalação, cenografia e design expositivo para algumas das marcas mais celebradas presentes em Portugal. Hermès, Viúva Lamego, Casa Pau-Brasil, Grupo José Avillez e Claus Porto estão entre seus clientes. Desde que voltou para Portugal, no início dos anos 2000, já realizou cerca de 300 projetos, sempre estabelecendo uma conexão entre arquitetura e arte. “Sou artista na essência, a arte é a minha salvação”, atesta. Antes disso, viveu 12

anos fora de sua terra natal. Uma jornada de estudos e trabalho permeada de experimentalismo e muitas transformações.

A arquiteta-artista, como se define, cresceu na cidade de Cascais, cercada de pessoas de todas as partes do mundo. Filha única de um arquiteto nascido no Rio de Janeiro e de uma galerista portuguesa, Joana Astolfi formou-se em arquitetura em Londres. É hoje uma das mais atuantes e influentes profissionais criativas de Portugal. Desde 2009, comanda o Studio Astolfi, formado por uma equipe multidisciplinar (artistas, arquitetos, designers e técnicos).

As celebradas vitrines que seu estúdio cria há cinco anos para a loja da Hermès tornaram-se uma atração no Largo do Chiado, em Lisboa. “Com poesia, muito amor, mas também um bocado de suor e lágrimas”, como define, o trabalho para a prestigiada grife francesa ajudou a projetar a linguagem Astolfi.

Contadora de histórias

A linguagem criada por Joana Astolfi é inspirada nas imperfeições e memórias contidas nos objetos e espaços. “Gosto de objetos imperfeitos, com erros”, diz



ENTREVISTA

Outro marco é a longa parceria com o chef e amigo José Avillez, proprietário de endereços premiados, como o estrelado Belcanto, em Lisboa.

Um aguçado senso de história caracteriza a sua linguagem, com uma estética inspirada nas imperfeições e memórias contidas nos objetos e espaços. “Gosto de objetos com erros, gastos, imperfeitos, obsoletos”, diz Joana. A folha em branco não a interessa. Aliás, assusta-a. Gosta mesmo de recriar e valorizar os defeitos, integrando-os a seu processo criativo.

A colaboração com artesãos é outra característica central na proposta do Studio Astolfi. Vitrines da Hermès. Restaurantes de José Avillez. Instalações para museus, galerias, lojas. Não importa. Muitas das histórias são contadas, literalmente, à mão. A fusão com saberes tão distintos – cestaria, cerâmica, tecelagem, marcenaria, costura, colagem... – traduz-se em uma abordagem contemporânea, que valoriza a tensão entre o novo e o tradicional, em busca de um resultado surpreendente, original.

Diante de um universo tão rico em memórias, histórias, pessoas e objetos, é quase inevitável a provocação: será que um museu Astolfi não caberia nos planos? Surpreendida, Joana Astolfi responde (quase) sem hesitar: “Gostaria muito de deixar uma marca eterna com essa minha linguagem. Quanto a um museu Astolfi, confesso que ainda não tinha chegado aí, mas... *why not?*”

A sua relação com o Brasil está relacionada à tropicalidade que se nota no seu trabalho?

A minha mãe é portuguesa, e o meu pai, carioca. Ele viveu em Ipanema, era amigo do Tom Jobim, fez parte da agitação cultural que tomou conta do Rio de Janeiro nos anos 1950. Eu cresci nesse ambiente de bossa nova, com feijoada, churrasco, indo ao Brasil todos os anos com os meus pais. Sem dúvida, o meu pai é o homem que mais me inspira na vida, além de ser um grande amigo e companheiro. Portanto, sempre tive essa veia carioca e fui inserindo isso no meu trabalho, principalmente através das coisas que via com ele, das conversas que tínhamos. Isso foi sempre algo natural para mim, daí vem o lado tropical e a bossa embutidos no meu trabalho e no meu DNA.



Versatilidade Acima, Joana Astolfi em seu estúdio, em Lisboa: equipe multidisciplinar. Abaixo, a *pop-up store* Petit H, produzida para a Hermès em 2018



O que você carrega da influência brasileira?

Eu tenho um lado muito lúdico, de brincadeira, que absorvi dessa vivência carioca e que está muito presente no meu trabalho. Essa criança que não vai embora, que quer brincar, experimentar e transformar. Eu gosto muito disso. E o Brasil tem uma força criativa enorme, essa coisa de as pessoas serem mais soltas, assumirem mais riscos, experimentarem com criatividade é algo que incorporo muito. Adoro não ter medo de errar e abraçar com coragem os acidentes que acontecem durante o processo criativo. Eu estimulo a minha equipe a deixar essas coisas acontecerem, e, de repente, tudo é possível.

Quais projetos você gostaria de fazer no Brasil?

Se você me perguntar que projeto eu não fiz e gostaria de fazer, eu diria que adoraria desenhar uma igreja, uma capela, ou seja, essas coisas que são um pouco idílicas. Mas os projetos que atualmente tenho mais vontade de fazer talvez sejam os de hotéis. Eu adoro hotéis pela possibilidade que oferecem de você estar fora de casa e sentir-se em casa. Portanto, gostaria muito de fazer um hotel em São Paulo ou no Rio de Janeiro. O Rio é a minha segunda casa e São Paulo me fascina pela agitação cultural. Gosto também da ideia de desenhar um museu, porque adoro design expositivo.

Nos projetos de design expositivo, o que deve ser privilegiado: o conteúdo ou a experiência do público?

Tem que haver um balanço. Há mais ou menos 28 anos, desde que vivi na Itália, venho criando uma linguagem, com muito experimentalismo e muitas transformações. Em quase 300 projetos realizados, há sempre um vínculo com aquilo que é a minha identidade, a forma como quero me expressar e expressar toda a loucura que vai dentro da minha cabeça. É muito importante a ideia da linguagem, eu gosto que a identifiquem, mas, quando se trata de um determinado espaço, um restaurante, uma loja, um hotel ou mesmo uma casa, procuro estabelecer um diálogo muito próximo com o cliente. O espaço hoje é uma experiência. As pessoas vão a um restaurante 50% pela comida e os outros 50% pelo ambiente, ou seja, a iluminação, os detalhes, as texturas, a trilha sonora, o mobiliário, toda aquela bossa que um espaço pode conter. Isso é contar histórias, são as narrativas específicas que criamos para cada projeto. Há tanta coisa no mundo. Por que precisamos de mais um restaurante ou de outro hotel? Essa é a questão. Tem que haver qualquer coisa de muito única.



Hermès Há cinco anos, o Studio Astolfi cria e fabrica as vitrines da grife francesa no bairro do Chiado, que já se tornaram uma das atrações da capital portuguesa. O trabalho envolve designers, artistas e artesãos





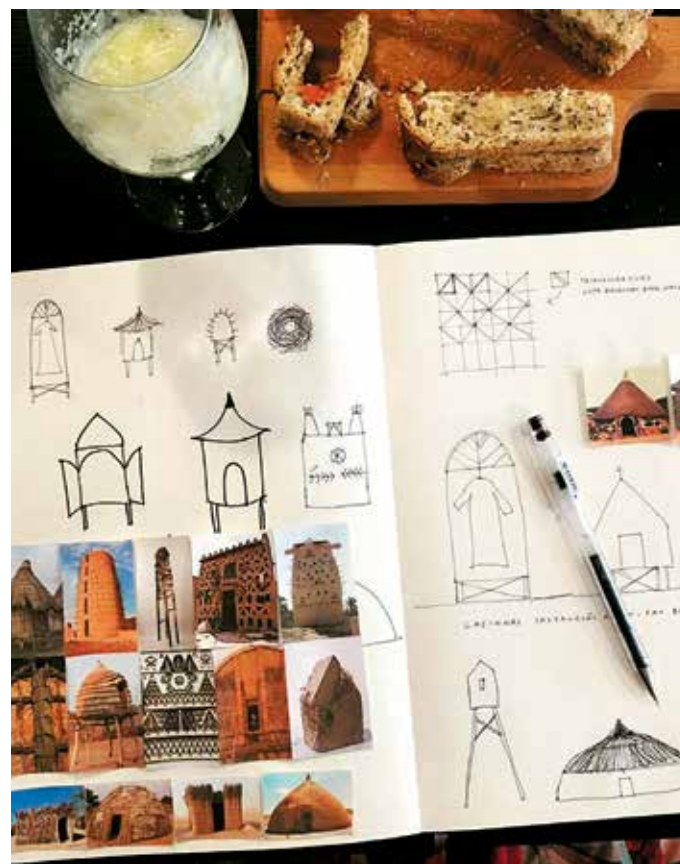
Como começou o Studio Astolfi?

Eu comecei a carreira fazendo casas. A casa é o projeto mais umbilical que existe, que vai mais fundo, que dá mais trabalho e em que a relação com o cliente é mais exaustiva. Isso é muito bom quando se tem um estúdio pequeno, mas, à medida que o estúdio foi crescendo, fomos deixando de fazer tantas casas. Focamos a nossa energia em projetos de lojas, restaurantes e hotéis. São trabalhos que me dão imensa satisfação. É um jogo muito interessante, uma brincadeira séria, como eu chamo.

Já se disse que você transformou Lisboa na cidade mais “astolfiana” do mundo. Você concorda?

Ah, é? Não sabia. Realmente, já marcamos a cidade bastante, desde que comecei pequeninha, em um barquinho. Hoje, não vou dizer que estou em um transatlântico, mas já estou em um veleiro. É uma grande responsabilidade, com certeza. Por isso, tenho muito cuidado em manter o rigor. É um trabalho muito exigente e tento sempre me superar. No momento, estou muito focada em trabalhar para outros países. O fato de eu ter viajado muito, conhecido várias culturas e pessoas de diversos lugares me estimula a querer abraçar desafios internacionalmente. Ainda tenho coisas para fazer em Portugal, e sempre terei, mas alçar voos maiores nos enriquece.

Lugar da criação Acima, o escritório do Studio Astolfi, onde trabalham arquitetos, designers, artistas. Abaixo, esboços de Joana para os expositores da Casa Pau-Brasil, em Lisboa: inspiração nas ocas e cabanas indígenas



Você viveu muito tempo fora de Portugal. O que a trouxe de volta a um país que, naquela época, era muito diferente do que é hoje?

Eu estudei e trabalhei em Londres, o que são duas experiências completamente diferentes. Fiz um estágio em um escritório de arquitetura de Munique, o que me deu um certo rigor e uma disciplina que eu precisava naquele momento. Também estive na Fabrica, o centro criativo da Benetton em Treviso, na Itália. Criativamente, foi uma loucura de desafio. Foi tão intenso que, depois de dois anos, eu disse: “OK, foi maravilhoso, eterno enquanto durou, como diria Vinicius de Moraes, mas já chega.” Foi quando decidi montar meu estúdio em Lisboa. Na época, ninguém sabia nada de Lisboa, mas a cidade já tinha a magia que tem hoje e que sempre teve. Eu tinha ficado muito tempo afastada de coisas que estão dentro de mim, como o mar, o ritmo da vida lisboeta, meus pais. Sentia falta de poder parar, respirar, ver o pôr do sol, coisas que não acontecem em Londres. Comecei com um estúdio pequenininho, de 20 metros quadrados, que era meio loja, meio estúdio, uma coisa híbrida.

Essa característica híbrida e a busca pelo cruzamento de várias linguagens, sempre estiveram presentes no seu trabalho?

Sim, as pessoas me perguntavam se eu era arquiteta, designer ou artista plástica. Eu não via necessidade de ter um rótulo. Hoje me defino como uma “arquiteta-artista”. Eu adoro trabalhar com os espaços, mas sou artista na essência, a arte é a minha salvação. Comecei devagarzinho, mas logo começou a se falar que o meu trabalho era de vanguarda, disruptivo. Nessa altura, eu ainda me expressava muito através da arte, usava muito o design expositivo. Os momentos-chave na minha carreira foram o início do trabalho com o chef José Avillez e a Hermès.



CONFIE NO AZUL

PEÇA PELA BOXER



 **boxer**
TECNOLOGIA EM SOLDAS

boxersoldas.com.br

ENTREVISTA

Existe algo dessa Lisboa de quase 20 anos atrás que você teria guardado na sua caixinha de memórias?

Ah, eu tenho muitas caixinhas de memórias, repletas de objetos e pessoas queridas. Eu sou bem nostálgica. Sempre gostei de ir à Baixa de Lisboa [*centro histórico da cidade*] para conhecer os artesãos que tinham ali suas lojas e ateliês. Estou rodeada de artesãos, são eles que mais me alimentam a alma. Mas muitos desses senhores e senhoras, que fazem um trabalho artesanal que existe há gerações, tiveram que fechar as portas. A maioria não conseguiu manter os seus pequenos negócios. Apesar de desfrutar muito e adorar essa nova Lisboa, eu sinto que isso se perdeu e tenho pena. Portanto, teria guardado esses mestres todos.

O design tem procurado estreitar a conexão com o fazer manual. Como você vê essa troca?

Eu trabalho há muitos anos com essa linguagem, envolvendo artesanato, arte, arquitetura e design. A tensão entre o material contemporâneo e o tradicional, como o vidro, a madeira, a palhinha, o barro, a cortiça, é atemporal. Esse cruzamento entre gerações e manualidades é lindo. Interessa-me muito celebrar as artes do fazer com as mãos de uma maneira mais contemporânea. Há muito o que aprender com os artesãos. Os novos designers deveriam se dedicar cada vez mais a esse abraço. O segredo está em combinar a inovação com o saber ancestral.

A mais recente vitrine do Studio Astolfi para a Hermès remete à celebração da vida. Esse é o grande aprendizado de 2020?

É um tema que, para mim, esteve muito patente em 2020. Celebrar a vida, coisa que muita gente não consegue fazer. Investigar a fundo, lá no âmago, o que é realmente importante, onde é preciso se concentrar e estar. Reestruturar também. Limpar, focar, desacelerar. Com a aceleração, não se consegue focar em nada. Parar e perceber o que de fato importa. No meu caso, foi ter tempo para estar mais com a minha família. Eu sofri na pele o impac-



Parceria afinada Para o estrelado restaurante Belcanto, na capital portuguesa, do chef José Avillez, Joana Astolfi concebeu um espaço com atmosfera íntima, elegante e repleta de detalhes, como as cerâmicas que ocupam as paredes



to econômico do que está acontecendo, como milhões de pessoas, mas, por outro lado, ganhei muito. Consegui focar no que realmente importa para mim. Claro que isso é uma viagem muito pessoal e cada um terá a sua.

Qual é a essência do seu trabalho para a Hermès?

Eu comecei como vitrinista, embora não olhe para esse trabalho como vitrinismo. Com a Hermès, é uma relação de amor muito grande, porque sou admiradora da marca e porque amo design expositivo. O maior desafio desse tipo de projeto é expor o objeto de forma que haja um balanço entre a *mise-en-scène* e a peça em si. É um equilíbrio que deve ser clínico, perfeito. É uma linha muito tênue entre destruir a coisa ou fazê-la brilhar. A Hermès tem sido uma grande escola nesse sentido. É um trabalho desafiador, que envolve muito amor, mas também suor e lágrimas, porque exige superação constante. São os detalhes, é elevar o produto através da poesia. Cada uma das vitrines é um capítulo de uma história. Há um lado muito poético e também meio épico.

De certa forma, é sempre uma celebração da vida. É um trabalho muito grande de artesanato, que envolve marceneiros, costureiras e vários outros artesãos, dependendo do material com que escolhemos trabalhar.

No caso da parceria com o chef José Avillez, o que muda na dinâmica de trabalho o fato de ser uma pessoa que personifica uma marca?

Eu e o Zé temos uma parceria que já dura 12 anos e, portanto, já nos conhecemos muito bem. O Zé tem uma sensibilidade artística e uma cultura visual muito ampla, é sempre uma troca muito rica. Já fiz vários restaurantes dele. O Belcanto, por exemplo, foi uma viagem enorme. Fizemos uma intervenção artística no espaço com peças de cerâmica. Desenhemos os moldes de utensílios de cozinha, vegetais, como berinjelas, aspargos, alcachofras... e a Viúva Lamego fabricou. Foi demais! Criamos até os guardanapos, inspirados em mangas de roupa em que se limpa a boca, como fazem as crianças. É mesmo contar uma história.



JN CRIAÇÕES
SOLUÇÕES TÊXTEIS

Tecendo um futuro sustentável

A **JN Criações e Soluções Têxteis** já está no mercado há mais de **30 anos**, buscando soluções e alternativas sustentáveis para que nossos clientes e parceiros sejam atendidos com máxima qualidade. Somos especialistas nesse segmento e buscamos alternativas tecnológicas e inovadoras, sendo referência quando se fala na linha Hospitalar e Hotelaria, veja ao lado nossos produtos:

www.jncriacoes.com.br

FÁBRICA BRASIL

Rua do Soldador, 130 e 140, Distrito Industrial
Werner Plaas, Americana/SP, 13478-723
55 (19) 3645-7096 / 55 (19) 99186-7526
comercial@jncriacoes.com.br



Linha Hotelaria

Lençóis
Fronhas
Edredons
Cobertores
Mantas
Capas de Duvet
Protetores de colchões impermeáveis
Protetores de travesseiros impermeáveis
Toalhas
Roupão
Cobertores de microfibra



Linha Hospitalar

Lençóis
Fronhas
Cobertores
Cobre leito
Edredons
Camisolas paciente (adulto e infantil)
Conjuntos privativo
Aventais cirúrgicos
Jalecos Médico
Pijamas paciente (adulto e infantil)
Toalhas
Roupão
Cobertores de microfibra



Você também assina projetos para a Casa Pau-Brasil. As raízes brasileiras a ajudam a embarcar na viagem?

Sim, sou muito ligada à Casa Pau-Brasil. Todos esses clientes tornaram-se bons amigos, porque é um processo muito visceral. O Rui, que está à frente da Casa Pau-Brasil, é um apaixonado pelo Brasil. O primeiro projeto que fiz para a marca foi uma instalação no térreo do palacete onde fica a loja do bairro Príncipe Real, em Lisboa. Criamos uma floresta tropical, com árvores de tecido, uma base montanhosa com grãos de café, pássaros, além dos expositores para as peças. Recentemente, fizemos outros expositores, baseados em referências de oca, cabana. E o terceiro momento foram as vitrines da Casa Pau-Brasil em Cascais. Gosto muito desses trabalhos.

Os objetos têm lugar especial nas suas criações. Que magia pode estar contida neles?

Um objeto tem sempre uma história, uma memória. Eu olho para os objetos que coleciono e me lembro exatamente de onde estava, como me sentia, o cheiro daquela sala. Eu não vivo sem objetos à minha volta. São como amuletos para mim. Dou atenção a coisas que ninguém sequer olharia. Às vezes, assumo-os assim, ou então faço

Essência

Acima, o novo espaço Galleria, criação do Studio Astolfi para abrigar grifes de luxo no Norte Shopping, no Porto. Abaixo, a arquiteta-artista em meio a uma de suas paixões: objetos antigos

qualquer coisa que os transforma, que lhes dá uma segunda vida. Desde pequenina, gostava de coisas *vintage*, objetos que eu encontrava. Não queria muito coisas novas, assim como hoje não gosto de páginas brancas para começar um projeto. Gosto de trabalhar em cima de ruínas.



ENTREVISTA

O trabalho com a Viúva Lamego, uma das marcas de cerâmica mais tradicionais de Portugal, pontuou uma virada importante para a empresa, certo?

A Viúva Lamego tem um patrimônio gigante, em Portugal e pelo mundo. Sempre fui muito ligada à marca e usava os azulejos no meu trabalho muito antes de a empresa ser comprada pelo Gonçalo e pelo Miguel. Antes disso, uma história: estava sendo entrevistada por uma jornalista, a Clara, e a pergunta final foi: “O que você acha que em Portugal ainda não foi feito em termos de *branding* – algo que esteja morrendo e que precise ser recuperado?” E eu disse: “Não tenho dúvida da minha resposta, é preciso revitalizar a Viúva Lamego. Alguém tem que recuperar aquele patrimônio.” Ela desligou o microfone e disse: “Eu não acredito, Joana, o meu marido acaba de comprar a Viúva Lamego.” Meses depois, conheci o Gonçalo, o marido da Clara. E logo percebi que a marca está em ótimas mãos. Fizemos uma intervenção na loja do Largo do Intendente, já que a fábrica é linda, mas é fora de Lisboa. A ideia era produzir duas vitrines para comunicar ao público o momento de transição. Fui à fábrica com a minha equipe e disse: “Pessoal, se vamos trabalhar o tema da reconstrução, que tenha cacos!” A vitrine do lado esquerdo, portanto, representa a parte da fábrica que estava se deteriorando. Fizemos uma *mise-en-scène* com os cacos de louças e um martelo que construímos e deixamos pendurado no ar. Era o momento da explosão. E, do lado direito, construímos uma caixa de carvalho linda. Dentro, pusemos um martelo feito a partir de cacos. Usamos a *kintsugi*, uma técnica japonesa, para realmente evidenciar as rachaduras. Queríamos celebrar o que foi partido e o que está sendo reconstruído. É assim também na vida. Estamos sempre nos reconstruindo, não é? **D**



Renascimento As vitrines criadas pelo Studio Astolfi para a loja da Viúva Lamego, no Largo do Intendente, em Lisboa, celebram o resgate da tradicional fabricante de azulejos fundada em 1849

